

Conservar a Fé:

O Cardeal Zen condena a “interpretação errada” da carta que o Papa dirigiu à China

**Exorta os verdadeiros Católicos da China a
resistirem ao compromisso**

por James Bannister

A liberdade de religião está “garantida” na constituição da República Popular da China. É verdade. Os Chineses têm a liberdade de adorarem qualquer deus que quiserem e do modo que quiserem... desde que o Governo Comunista aprove.

Recorde-se que a China é um estado totalitário, governado por Comunistas. E a religião oficial do Comunismo é o ateísmo. Os bons Comunistas acreditam no Partido, não em Deus. E recorde-se também que os bons Católicos não podem ser bons Comunistas. Os dois credos são contraditórios. Um homem não pode servir a dois senhores. E ainda mais: comete pecado um Católico que pertença ao Partido Comunista ou a qualquer sociedade secreta, como a Maçonaria.

Assim, os Católicos chineses viram-se apertados entre a espada de um dilema e a parede, quando os Comunistas usurparam o poder em 1949. O novo Governo teve ainda a necessidade de inventar uma maneira de separar as pessoas incómodas — especialmente o clero católico — que deviam mais lealdade a Roma do que a Pequim.

A solução foi criarem uma “Igreja-fantoches” cismática, a Associação Católica Patriótica Chinesa (ACPC), e exercer uma grande pressão sobre os Bispos, padres e leigos chineses para se juntarem a ela. Muitos assim fizeram; também muitos recusaram. Aqueles que ficaram na “Igreja subterrânea” foram recompensados pela sua firmeza com ostracismo, perseguições, prisão, tortura e até a morte. Não deixem que alguém lhes diga que não há mártires católicos no século XXI! Vários Bispos e padres, e leigos sem conta morreram nas prisões comunistas da China.

Entretanto o Vaticano, sob a égide do Secretário de Estado Cardeal Angelo Sodano, e do seu sucessor, o Cardeal Tarcisio Bertone, continuou a sua “Ostpolitik” — “conviver” com os Comunistas e os seus Bispos e padres colaboracionistas, na esperança de “normalizar” as relações entre duas instituições que são diametralmente opostas.

Parte desta tentativa enganadora de reconciliação com os Comunistas chineses foi uma carta escrita (ou pelo menos assinada) pelo Papa Bento XVI em 2007. Neste documento tão mal compreendido, o Papa aparecia a encorajar os membros da “Igreja subterrânea” a assistir às “missas” da ACPC e a reconhecerem a liderança de Bispos e

padres nomeados por Pequim. Dizer que tal carta causou confusão e aflições à comunidade subterrânea é pecar grandemente por defeito.

Pouco tempo antes de ter aparecido esta carta do Papa, o Arcebispo de Hong Kong, D. Joseph Zen, foi elevado à dignidade de Cardeal, tendo-lhe sido dado, como missão especial, “estabelecer uma ponte” entre a Santa Sé e Pequim, entre a *verdadeira* Igreja Católica Romana na China e a ACPC.

Imagine-se a consternação que houve na Secretaria de Estado do Vaticano, quando o Cardeal Zen, em vez de aceitar a linha do Partido, desviou-se dela, para ser um campeão incansável em prol da liberdade religiosa! O Cardeal Zen sempre pregou no sentido de que uma pessoa pode ser Católica e patriota ao mesmo tempo. Mas, acrescenta ele, quem for contra a sua Fé Católica para “servir a Pátria” (como insiste a propaganda comunista chinesa) está a pecar, por utilizar subtilezas enganadoras. Em 29 de Junho, o Cardeal Zen publicou ainda uma outra carta criticando as tentativas do Vaticano em se aproximar de Pequim, e as tentativas de Pequim para conseguir ter a Igreja chinesa sob o seu completo controlo e suprimir todos os dissidentes.

Ele exorta os líderes católicos chineses — especialmente os da Igreja “oficial”, reconhecida pelo Governo — a serem mais corajosos em resistir ao compromisso, e especialmente em rejeitar as pretensões de autoridade feitas pela ACPC.

A carta do Cardeal Zen conclui deste modo:

Devemos rezar para que os líderes da nossa Nação cheguem a compreender que uma Igreja Católica livre não é uma ameaça para o nosso País. Pelo contrário, se nos for permitido viver a nossa Fé com alegria, poderemos contribuir mais para o bem-estar e o progresso geral do nosso povo....

Nesta jornada de Fé, foram-nos prometidas tanto tribulações como consolações. Os nossos companheiros e modelos são os Santos e, em especial, os gloriosos Mártires.

Maria, Auxílio dos Cristãos, Nossa Mãe do Céu e Estrela da Esperança, a Quem o Papa confiou a nossa Igreja, levar-nos-á a uma vitória pacífica.” *Amen.*

O Leitor pode conhecer o texto integral da carta do Prelado em “Cardeal Zen: A Igreja na China dois anos depois da Carta do Papa” (<http://www.asianews.it/index.php?l=en&art=15774&size=A>).